

SÃO MARTINHO DE TOURS

UMA BREVE HAGIOGRAFIA

Martinho nasceu na cidade de Sarária, na Panónia, atual Hungria, por volta do ano 316. Seus pais eram pagãos. Filho de um militar, do exército romano, Martinho foi educado na alta Itália, em Pavia.

Soldado à força

Martinho inscreveu-se aos 12 anos no catecumenado (outros dizem que por volta dos 10 anos). Aos 15 anos segue a carreira militar, como soldado romano. Nessa fase, tratava o seu impedido em pé de igualdade, pois com ele comia, servia-o à mesa e até lhe limpava o calçado.

Entre os 15 e os 18 anos, sendo ainda catecúmeno, por volta do ano 335, situa-se o célebre episódio de Amiens, em que Martinho corta metade da sua capa para a partilhar com um pobre. E por isso, em sonhos, se lhe manifesta o Senhor que lhe diz: “Aquele que ainda não é batizado vestiu-me”.

Foi batizado, provavelmente, em Amiens, em 339, por altura da Páscoa, como era costume. Continuou ainda dois anos no exército, onde permaneceu durante 25 anos.

Pensou deixar a milícia dizendo “sou soldado de Cristo, não me está permitido lutar”. Mas o seu capitão acusou-o de cobardia, pois estava iminente um combate contra os germanos, que pouco a pouco invadiam o Império Romano.

Martinho prometeu então pôr-se à frente da legião, durante o combate, levando o estandarte com a Cruz, mas fê-lo desarmado. Na manhã seguinte, chegaram mensageiros do exército inimigo dispostos a fazer a paz. O capitão viu nisso um sinal do céu e permitiu a sua retirada do exército. Trata-se, portanto, de um verdadeiro patrono de qualquer ‘objeto de consciência’.

Em 341, no acampamento de Worms, chamado pelo Imperador Constante, para receber uma gratificação, recusou-a e pediu licença para se retirar do exército. Deixa-o, em 356, data da morte de Antão e do início de Basílio. O seu nome «Martinho» evoca Marte, «aquele que pertence ao deus da Guerra», mas Martinho tornou-se verdadeiramente um soldado de Cristo, um soldado da Paz.

Monge por vontade

Livre das obrigações militares, Martinho podia dedicar-se à vida monástica. Depois de uma breve vista aos familiares, vai para Milão e aí se dedica à vida solitária, na ilha de Galinara (357-360), na costa de Génova

Em sonho, comunicou-lhe Deus a vontade de que voltasse à Pátria e evangelizasse os seus parentes. Santo Hilário deu-lhe licença, na condição de que voltasse. Isto sucedeu por volta do ano 355.

Na Panónia, Martinho converteu a mãe, mas seu pai permaneceu pagão. Depois voltou à Itália e soube que Santo Hilário tinha sido desterrado da diocese, pelo Imperador Constantino, defensor da heresia ariana, que negava a divindade de Jesus.

Em abril de 360, quando sabe do regresso de Hilário de Poitiers, jovem da mesma idade, pelo qual nutria grande admiração, vai saudá-lo e fixa-se a poucos quilómetro de Poitiers, conforme a promessa que fizera. O santo bispo ordenou-o sacerdote, o que Martinho não queria, pois bastava-lhe, a seu ver, o ministério de exorcista.

Lá construiu uma cabana e permaneceu 11 anos, entregue à oração e à penitência, seguindo o modelo dos monges egípcios, alimentando-se de raízes e ervas, segundo o estio de vida que o seu Mestre tinha conhecido no Oriente. O mosteiro de Ligugé, o mais antigo da Gália, depressa se tornou um refúgio e uma escola para os pagãos que desejavam entrar na Igreja. Ali se concilia a vida eremítica com a evangelização dos povos rurais. Martinho torna-se um austero monge missionário.

Martinho devia ter tido notícias sobre o monaquismo oriental e não se mostrou menos fervoroso nestas lides monásticas. Foi de facto o primeiro grande organizador do monaquismo na Gália. A fama das suas virtudes irradiava-se.

Bispo por dever

Dez anos depois de se ter situado perto de Poitiers, em 370-371, é grande a sua popularidade e é chamado à disponibilidade episcopal em Tours, contra a sua vontade. Quis recusar a sua nomeação, ocultando-se num esconderijo, mas foi descoberto pelo grasnar de um ganso. Desde então este animal acompanha, a miúdo, a sua figura na iconografia cristã. De seguida fundou o mosteiro de Marmoutier, que foi o seu paço episcopal. Permanece bispo-monge, não à maneira de Eusébio de Vercelli ou, mais tarde, de Agostinho de Hipona, fundadores de mosteiros. Desse mosteiro haviam de sair homens como São Patrício, evangelizador da Irlanda.

Martinho foi monge verdadeiro, vivia retirado em lugar solitário, em vida eremítica. Os seus discípulos também vivam em cabanas. Mas muitos vão acorrendo. O número cresce à volta de Martinho e constitui-se ali um povo

de santos. A vida dos monges regulava-se pelo exemplo do seu guia e não por Regras, como no Ocidente. Cassiano chega a Marselha (415-417) e só então os grandes princípios do monaquismo vão ser conhecidos.

Bispo e missionário

Martinho não viveu sempre na sua cela. A sua atuação pastoral e missionária foi intensa, sobretudo na pastoral moral. Fundou igrejas, pequenos mosteiros, sobretudo em lugares de peregrinação pagã. Quanto mais crescia a ação pastoral, mas cresciam os mosteiros, que muito contribuíram para evangelização da Gália rural, nos séculos IV e V. Lutou contra os costumes pagãos. A ferradura crava na porta de algumas Igrejas tinha a ver com a promessa e pedido feito ao santo “montado a cavalo”, para libertar das doenças tais animais.

O seu zelo estendeu-se por toda a França, sobretudo em zonas rurais, incluindo o atual Luxemburgo e parte da Alemanha, rodeado sempre dos seus companheiros. A sua influência chegou longe, aos povos vizinhos, desde a Irlanda a África, até à Hispânia romana. Nunca temeu enfrentar-se com os poderosos, como o Imperador Valentiniano I. Interveio eficazmente no processo contra o famoso Prisciliano, herege, iniciador de um movimento de carácter ascético e espiritualista, de tendência rigorista, com as suas doutrinas erradas sobre a Trindade, chegando a encarnação do Filho de Deus.

Martinho, pelo seu papel evangelizador e ardor missionário, bem podia ser considerado, ao lado de São Bento, co-padroeiro de Europa.

No fim da vida parece ter atingido aquela «*apatheia*», de que falam os monges: nunca ninguém o viu triste ou alegre, cansado ou enfadado. Mantinha-se sempre igual. Transparecia alegria espiritual. A sua personalidade tem também muito da outra face: um aspeto severo, introspetivo, violento, mordaz. A sua conduta irritava os adversários. A sua imaginação excessiva era propensa a obsessões. Tinha uma espécie de iluminismo natural. Ele aparece-nos com espírito de combatividade, de missão, de valentia, desprezo pelas riquezas que possuía, caridade ativa e compaixão diante da indigência, da enfermidade, da morte e nas relações Mestre-discípulo. Diz-se, por exemplo, que sentado à mesa com o Imperador, preferiu passar o cálice a um sacerdote seu do que ao Imperador.

Martinho, pobre e humilde, entrou rico no Reino dos Céus

Sempre ativo e apostólico, a morte surpreendeu-o numa viagem pastoral. Soube que em Candes havia desavenças e rivalidades entre o clero e foi lá implantar a paz de Cristo, pressentindo que não voltaria a seu descanso de Marmoutier. O seu fim próximo avisou-o uma febre altíssima. Mandou que o deitassem numa cama de cinza. Os discípulos quiseram por o seu corpo, na posição de lado, proporcionando-lhe algum alívio, mas ele suplicou-lhes que o deixassem olhar para o céu, para os seus olhos verem o caminho por onde a alma havia de dirigir-se a Deus.

Foi tentado pelo demónio, que lhe apareceu disfarçado de Cristo, mas venceu-o e desafiou-o a exhibir as chagas, que não tinha, e assim o desmascarou.

Morreu em 397, a 8 de novembro, aos 80 anos. O seu funeral foi uma cerimónia triunfal, onde brilhou o sol, com a luz e calor do seu exemplo de caridade. Estava uma multidão de monges. Sobre o seu túmulo ergueu-se uma basílica em 470, que rapidamente se converteu em lugar de peregrinação. Os reis francos conservavam uma relíquia da capa, que se tinha como de São Martinho. O guarda desta capa chamava-se, «capelão», nome que depois se dará aos sacerdotes que cuidam da «capela», como pequeno lugar de culto.

Com São Silvestre, Martinho foi o primeiro santo não mártir a ser canonizado, a ter lugar na iconografia cristã. A sua “Vita”, escrita Sulpício Severo, foi um manual da espiritualidade na Idade Média. Daí também a propagação da fama e da devoção a São Martinho.